

Universidades Lusíada

Paiva, Ana Maria Lourenço

Crise financeira mundial : o grande momento ou manifesto sociológico?

<http://hdl.handle.net/11067/4326>
<https://doi.org/10.34628/myft-zd51>

Metadados

Data de Publicação

2017

Resumo

Que nos ensina a história das nossas ideias? Que devemos mudá-las, afirma a autora. Assim, a partir da análise de alguns aspectos da crise financeira de 2008, Ana Paiva discorre sobre a necessidade de uma revisão epistemológica do pensamento do social. A ideia dominante é a necessidade de se fundar uma Nova Sociologia com base em conhecimentos provados no âmbito das neurociências – interdisciplinaridade - construindo-se uma objectividade externa, positividade ou prova dos factos, através da pro...

What teaches us the history of our ideas? That we should change them, says the author. Thus, starting from the analysis of some aspects of the financial crisis of 2008, Ana Paiva writes about the need of an epistemological revision of the social thought. The main idea is the need of creation of a New Sociology based in proven concepts from the neurosciences area – interdisciplinarity – that builds an external objectivity, positivity or proof of facts, through the constant lookout of realism, an...

Palavras Chave

Crises financeiras, Filosofia moderna, Sociologia, Emoções, Razão

Tipo

article

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-FCEE] LEE, n. 22 (2017)

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-05-17T10:10:37Z com informação proveniente do Repositório

**CRISE FINANCEIRA MUNDIAL:
O GRANDE MOMENTO OU MANIFESTO SOCIOLÓGICO?**

Ana Lourenço Paiva
Universidade Aberta

Resumo: Que nos ensina a história das nossas ideias? Que devemos mudá-las, afirma a autora. Assim, a partir da análise de alguns aspectos da crise financeira de 2008, Ana Paiva discorre sobre a necessidade de uma revisão epistemológica do pensamento do social.

A ideia dominante é a necessidade de se fundar uma *Nova Sociologia* com base em conhecimentos provados no âmbito das neurociências – interdisciplinaridade - construindo-se uma objectividade externa, positividade ou prova dos factos, através da procura do realismo e não reforçando o reducionismo subjetivo do racionalismo imperante.

O novo paradigma procurado por Ana Paiva afirma que a realidade fala de si através da emoção humana, que automaticamente se converte em sentimento e pensamento ao atualizar-se em cada ser humano, ou seja, é a matéria que se conhece a si própria na forma complexa de ser matéria humana. O homem conhece porque é uma matéria consciente. Assim, toda a razão é também emoção porque é a emoção que a suporta e a produz.

O objectivo da autora é encontrar um equilíbrio entre as várias possibilidades limitadas de conhecer através da razão contingente de corpos físico/químicos (que contêm em si informação material necessária para a sua forma/possibilidade de conhecer): Conheço porque a emoção me conduz ao mundo da consciência e aí é possível a abstração não absoluta mas objetivante do pensamento.

A ruptura epistemológica procurada pela autora, decorre do facto de se afirmar que a matéria poder conhecer a matéria. Isto é um realismo e não um novo materialismo, pois a matéria cognoscente não é só matéria. Podemos portanto afirmar que a verdade é uma conformidade ao real e que se revela, parcialmente, através da consciência que emerge nos seres humanos. Não é o homem que conhece mas a matéria que se conhece a si quando é matéria humana. A Nova sociologia seria uma forma de pensamento crítico mas optimista de que é possível conhecer, porque somos matéria pensante, ou seja, a matéria conhece-se a si, ou revela a sua verdade, na sua variedade de matéria viva humana.

Palavras-chave: Crise financeira mundial, Subjectivismo, Mercado|mão invisível, Razão|emoção, Consciência, Ética, Determinismo da liberdade humana.

Abstract: What teaches us the history of our ideas? That we should change them, says the author.

Thus, starting from the analysis of some aspects of the financial crisis of 2008, Ana Paiva writes about the need of an epistemological revision of the social thought. The main idea is the need of creation of a *New Sociology* based in proven concepts from the neurosciences area – interdisciplinarity – that builds an external objectivity, positivity or proof of facts, through the constant lookout of realism, and not reinforcing the subjective reductionism of the dominant rationalism.

The new paradigm searched by Ana Paiva states that reality speaks of itself through human emotion, that automatically transforms itself into feeling and thought by means of actualizing itself in each and every human being, that is, it is the matter that knows itself in the complex form of being human matter. The man knows because he is a conscious matter. Thus, all the reason is also emotion since it's the emotion that builds and produces it.

The author's objective is to find a balance between the different limited possibilities of knowing the reason of the physical/chemical body's contingent (that contains in itself material information for its body/ possibility of knowledge): I know because the emotion drives me to the conscious world and there the non-absolute but objectifying abstraction of thought is possible.

The epistemological rupture thought after by the author, runs from the possibility of the matter being able to know itself. This is a realism and not a new materialism, since the cognoscente matter is not only matter. We can thus claim that the truth is a conformity to the real and that it reveals itself, partially, through the consciousness that emerges from human beings. It's not the man that knows but the matter that knows itself when it is human matter. The new sociology would be a critical thinking way, but optimistic that it is possible to know, since we are thinking matter; in other words, the matter knows itself, or reveals its truth, in its human matter diversity.

Keywords: Global financial crisis, Subjectivism, Market | invisible hand, Reason | cause | emotion, Conscience, Ethic, Human freedom determinism.

1. Introdução

Há alguns anos escrevi num artigo científico, publicado pela Brotéria em Fevereiro de 2007, que, mercê das conclusões de António Damásio, era imperativo e urgente reformar o pensamento do social.

Dizia na altura que pela análise dos estudos do referido cientista português, eu havia chegado à formulação de duas grandes premissas que deveriam de futuro, constituir-se como postulados básicos da futura “nova sociologia”: *O determinismo da liberdade humana*, do qual poderíamos deduzir que o individualismo é talvez, o maior equívoco da História, e *a necessidade material da ética*, da qual poderíamos deduzir a necessidade da introdução de alguma normatividade no pensamento sociológico, com o fim de rapidamente demonstrar os equívocos do relativismo.

Assim com base em tais convicções afirmei que “só os seres conscientes (seres humanos) têm sentimentos e pensamentos que, sendo manifestações das suas mentes, têm base em estruturas físicas e químicas prévias. Assim, os comportamentos sociais não resultam de sentimentos do grupo, como se este fosse uma entidade real com vida biológica própria tal como os homens. Podemos fazer agregações analíticas de indivíduos, mas só na consciência individual existe emoção, sentimento e pensamento (atributos dos corpos químicos), porque o “corpo social” não é um corpo vivo auto-regulado quimicamente. Resulta de múltiplas vidas, essas sim auto-reguladas.” (Paiva, 2007).

Para perguntar, um pouco mais à frente, se “*continua a fazer sentido falar de uma consciência colectiva dotada de “personalidade” própria?*”¹ Ou *deveremos repensar*

¹ Este conceito de consciência colectiva, obviamente, também não é aceite pela generalidade dos cientistas sociais. Relativamente às relações entre indivíduo e sociedade, sublinhe-se a contribuição da Teoria da Escolha Racional (TER), de que Coleman foi um distinto teórico. A contribuição de Coleman para a teoria da acção, fundamentada na consciência individual, tida como a única real, e na importância do conceito de utilidade individual (ou interesse próprio) para a acção social, embora fundada na intuição, foi apoiada por numerosas investigações empíricas de grande relevância e originalidade. Faltou, no seu tempo (1926-1995), a indispensável contribuição das neurociências, de que António Damásio é hoje um dos maiores expoentes mundiais, para se poderem testar positivamente todas as hipóteses do seu pensamento. Considero a contribuição de Coleman como uma das mais felizes e lúcidas abordagens sociológicas do conceito de actor social. A minha adesão ao pensamento deste autor, no entanto, foi apenas intuitiva, pois até ler Damásio não podia afirmar, com rigor, que não se tratasse de mais um ponto de vista entre tantos outros. Presentemente, poderemos atribuir a Coleman o estatuto de precursor da nova sociologia, pois as suas hipóteses podem agora ser demonstradas e o seu raciocínio recuperado e demonstrado, havendo condições para o estabelecimento de uma teoria geral da acção que ele desejou e para a qual contribuiu. Para o aprofundamento do pensamento de James S. Coleman, recorrer às obras

a definição de “consciência colectiva”, antes de continuarmos a utilizar o conceito? Qual é o papel desempenhado pelas consciências individuais na criação de fenómenos sociais? (ibidem)

Algumas discussões académicas tidas na altura esbarraram com opiniões contrárias à minha, em defesa do conceito de *consciência colectiva*, de *identidade nacional* ou do simples conceito durkheimiano de *fenómeno social*, todos eles baseados na convicção da existência de transcendências abstractas, as quais sempre considereei mal definidas e criadoras de dificuldades porque conducentes a formas várias de subjectivismo. Aliás, o subjectivismo é uma das mais graves patologias do pensamento do social contemporâneo².

Ora, o presente momento histórico parece, não só oferecer, mas também exigir de nós a revisão do pensamento das ciências sociais, dada a urgência que temos de compreender e explicar um mundo que parece tender a entrar num caos súbito. Para essa tarefa de rever o pensamento das ciências sociais, é urgente regressar ao realismo dos factos e abandonar a construção lógico/discursiva das teorias predominantemente nominalistas que se foram impondo nesta área do saber a partir do pensamento cartesiano: penso, logo existo, portanto é o pensamento e não a realidade que preside à construção do conhecimento.

2. A “era da turbulência”

Durante os últimos anos, a economia mundial cresceu avassaladoramente e constituíram-se as maiores fortunas da História. Com base numa “taxa de crescimento anual *per capita* de 3,2 por cento desde 2000, a economia mundial está a mais de meio caminho de conseguir realizar a sua melhor década de sempre. Se continuar a avançar a este ritmo, conseguirá eclipsar as até agora consideradas idílicas décadas de 1950 e 1960” (GREENSPAN, 2007, 29).

Apesar de o mesmo autor ter afirmado também, que “” a reestruturação dos mercados abertos e do comércio livre, levada a cabo durante o último século, tirou da pobreza muitas centenas de milhões de pessoas de todo o mundo (ibidem), sabemos que afinal a desigualdade social se tornou obscena, e que a radicalização da diferenciação social ocorreu massivamente nos últimos anos. Foi nos últimos 20 anos que a Terra assistiu ao surgimento de espaços diferenciados e reservados onde se esconde uma elite financeira mundial, imoral que vive da permanente “rapina” e especulação.

A euforia neoliberal que se seguiu à queda do Muro de Berlim afirmou-se baseada numa sólida teoria econométrica desenvolvida nas melhores Universidades do mundo, onde o ensino é pago a peso de ouro e cujos diplomas são autênticas cartas de nobreza de uma nova classe de privilégio mais

referenciadas na bibliografia deste artigo.

² Para uma compreensão aprofundada das questões do subjectivismo do pensamento científico, veja-se VALVERDE, Carlos *Génesis, estrutura e crisis de la modernidad*, BAC, Madrid 2003, 381pp.

plutocrática que verdadeiramente aristocrática. Alan Greenspan, no seu livro, *A era da Turbulência*, regozija-se por ter tido "...o privilégio de poder pegar no telefone e pedir a um ou mais quadros de determinado sector da economia que me indicassem trabalhos actuais ou históricos com interesse.

Não tardava a receber avaliações pormenorizadas; na prática, eram-me apontados os prós e contras de qualquer questão, dos últimos modelos matemáticos criados para calcular a neutralidade dos riscos aos efeitos da concessão de terras do Estado às universidades do Médio Oeste. Portanto, não me foi restringido o acesso a hipóteses bastante radicais". (GREENSPAN, 2007, 26)

Sobre o cadáver do falido e indesejável dirigismo estatal da economia, (até a China optou por um regime e dois sistemas) e anunciando a necessária supressão completa de regulação, em nome do correcto e eficaz funcionamento do Mercado, a elite intelectual da área da economia e das finanças, encabeçada por Alan Greenspan (Presidente da Reserva Federal Norte Americana, por nomeação de Ronald Reagan de 1987 a 2006) dirigiu a *Era da Turbulência* que ele próprio definiu como "...De economia capitalista global, que é muito mais flexível, elástica, aberta, auto controlada, e rapidamente mutável do que era há um século." (GREENSPAN, 2007, 25) e em que, ainda segundo palavras suas, se verificavam (ibidem, 26) equilíbrios financeiros globais de "sucesso inquestionável...",

Nesta era o mercado funcionou mostrando a sua verdadeira natureza (selvagem – que mais não é do que o reflexo da natureza humana, ou seja a natureza dos homens que nele operam) e aplicou a sua energia potencial destrutiva, aos tecidos sociais, um pouco por toda a Terra. " A concorrência é cansativa porque o mercado concorrencial produz vencedores e vencidos" afirma tentando suavizar a questão o grande defensor do mercado (GREENSPAN, 2007, 31)

De pouco adiantaram os milhares de estudos que em todo o mundo se fizeram sobre a pobreza, a desigualdade social, a marginalidade, o crime, o urbanismo selvagem, a destruição do equilíbrio ecológico. O Mercado foi surdo e cego perante a voz e os escritos dos cientistas de todas as áreas. Os economistas, de quem Weber afirmou serem caracterizados por "um pedantismo peculiar" (*O político e o cientista*, 2ª ed. Presença. 1973, pág.140), dirigiram o mundo em nome do Mercado. E como o recente arauto do liberalismo afirmou, " as forças do mercado tem vindo gradualmente, de forma quase sub-reptícia a usurpar alguns poderes significativos do Estado. Muito da legislação que limitava a vida comercial tem sido desmantelada em surdina. (Greenspan, 2007,30)

3. O reducionismo do mercado

Ora o que é o Mercado? Para a economia clássica, o mercado rege-se pela "Mão Invisível", ou seja, o Mercado é uma entidade abstracta que se sobrepõe aos indivíduos, mas cujo funcionamento, no limite, os beneficia. Depois de Keynes ter desmitificado o essencialismo de um mercado livre, e ter mostrado que

através dos gastos públicos o Estado podia de certo modo regular a economia, as teorias neo-liberais, reforçadas pela difusão já efectuada de um pensamento essencialista do social, (que produziu muitas outras categorias transcendentais, tais como as já referidas: identidade nacional, consciência colectiva, etc.), que criou nas consciências individuais a disposição para aceitar o dogma da Mão Invisível, ressuscitaram a crença no Mercado.

Greenspan afirma que “nos meus primeiros anos de formação aprendi a apreciar a elegância teórica dos mercados concorrenciais. Nas seis décadas entretanto decorridas, aprendi a apreciar a forma como as teorias funcionam (ou como por vezes não funcionam) no mundo real. (2007, 31). Note-se a confissão do especialista quanto ao facto de as teorias serem a-realistas e portanto, nominalistas. Ou seja, o mundo do pensamento do social (neste caso com monumentais implicações no real) assume-se como diferente e paralelo ao mundo real, assume-se, como uma manipulação especulativa de ideias.

Cabe perguntar se a tão louvada e procurada objectividade científica não se converteu ao fim de quatro séculos de revolução (científica) numa nova e perniciosa filosofia ou fenomenologia da abstracção em nome da positividade necessária do conhecimento. Não estará a objectividade científica circunscrita à lógica formal do pensamento, e portanto, não se limitará a ser uma objectividade interna? Que é feito da objectividade externa, positividade ou prova dos factos nesta cultura subjectiva dominante?

A crise contemporânea das finanças mundiais vem mostrar, agora, os perigos de um pensamento essencialista que tem base no nominalismo e no “fenomenologismo”. Afirmei-o, a propósito do conceito de consciência colectiva, tão utilizado no pensamento das ciências sociais, e escrevi então que,

“Penso que continua a fazer todo o sentido afirmar que o real social tem um carácter próprio que transcende as consciências individuais, e que pode ser conhecido. Isto é, o social pode ser delimitado teoricamente e evidenciado como dimensão particular do todo humano. No entanto, penso que o conceito de consciência deve ser reservado para os organismos com vida biológica autónoma, auto-regulados por funções vitais, pelo que começo por rejeitar a utilização do conceito de consciência colectiva, que por analogia foi utilizado durante muito tempo nas ciências sociais.

A sociedade deve ser vista como um conjunto imanente de várias consciências individuais em inter-relação, tendo em conta que ela (sociedade) será tanto mais eficiente quanto a sua organização estiver em consonância com os actos selectivamente mais úteis para a manutenção da vida com bem-estar dos elementos que a compõem. Como afirma Damásio, esses actos são sempre e necessariamente actos de mútua solidariedade.” (Paiva, 2007).

Ora, o meu ponto de vista pretendia evidenciar o erro de se construírem categorias de pensamento com base em *a priori*s muitas vezes estabelecidos por contágio ideológico, e da necessidade de se fundar uma Nova Sociologia com base em conhecimentos provados no âmbito das neurociências - interdisciplinaridade.

O Mercado parece ser uma dessas categorias.

Tende a falar-se e a representar-se o Mercado como uma entidade própria, com um perfil particular e um conjunto de leis científicas e previsíveis que regem o seu funcionamento. O próprio Marx fez crer à humanidade que o Mercado é uma categoria real que faz parte da Teoria da História e que explica as crises do Capitalismo. Dando cumprimento ao seu pensamento o programa bolchevique sujeitou durante 80 anos, milhões de pessoas à tirania e à desumanidade de um modelo económico tão alheio à realidade como, com certeza, o modelo económico de mercado: modelos racionalistas, lógicos, abstractos, essencialistas e nominalistas que analisam fenómenos construídos teoricamente por via abstracta e por delimitação oportunista deliberada do objecto de estudo, em vez de considerarem a totalidade do real. Ao necessário holismo positivo do conhecimento aproximativo da realidade, desde Descartes que se tem afirmado um reducionismo racionalista e subjectivista³ nas teorias do social. Os resultados são por demais evidentes.

Portanto, através do expediente do racionalismo nominalista e subjectivista, parece que os últimos séculos provaram cientificamente a existência do Mercado como entidade autónoma dos sujeitos, com vida e lógica própria. Também Durkheim definiu o social como algo exterior aos indivíduos que os condiciona e constringe. O conceito é semelhante, o *á priori* – errado – é o mesmo: atribuição de características pessoais a entidades colectivas supostamente transcendentais em relação às consciências individuais (essencialismo).

Provavelmente porque esta ideologia científica do essencialismo dos fenómenos sociais se instalou nas estruturas profundas das consciências do homem ocidental, durante os últimos séculos, provavelmente porque foi naturalizada pelo homem moderno e transmitida aos seus filhos pós-modernos, é que esta ideologia transformou o homem contemporâneo num espectador de uma das grandes crises do capitalismo mundial, no ano de 2008.

Na realidade, se a economia funciona com base em confiança e expectativas, o mínimo que podemos dizer é que a crise foi potenciada pela confiança do homem ocidental nos seus economistas e financeiros, na eficácia dos seus sistemas periciais (Giddens) e na crença na existência de um mercado regido pela milagrosa Mão Invisível, que em presença de acções egoístas produziria consequências altruístas. ERRO! REDUACIONISMO!

Mercado? Que Mercado? O mercado é composto por homens concretos, com bilhete de identidade, muitos dos quais, os mais determinantes para o

³ Carlos Valverde, (ibidem, 331), a propósito do pensamento crítico da Escola de Frankfurt, afirma: “ El resultado de su análisis concluye que la raíz de tan estrepitoso fracaso há sido el predominio de un tipo de racionalidad que no expresa más que una dimension de la “razón instrumental”, positiva o subjectiva. Una racionalidad que se propone unos fines que no discute, unos fines útiles para um grupo (la raza, el partido, el capital) e luego organiza racionalmente todos los medios en orden a alcanzar esos fines, sin detenerse en los valores humanos o inhumanos de tales fines y de tales medios. La racionalidad se hace subjectiva, es decir, ordenada a favor de intereses de grupos.”

resultado final, desencadeiam, a maior parte das vezes, acções sem ética e vivem obcecados pelo lucro. O Mercado inclui um conjunto de homens individualistas nas mãos dos quais se coloca passivamente a comunidade humana mundial. Homens apoiados por outros, chamados políticos, alguns ignorantes e ingénuos, perversos e perigosos outros.

Serão precisas mais crises mundiais para desmitificar a ciência económica? Serão precisas mais vítimas sacrificadas nos altares do capitalismo financeiro selvagem para os cientistas sociais se convencerem de que o seu pensamento está viciado e que urge encontrar novas formas de conhecer o real? Será preciso mais alguma coisa para a ciência relativista contemporânea se convencer de que a realidade existe e é o que é, independentemente das fantasias teóricas que os cientistas saibam construir retórica e oportunistamente, com todo o *glamour*?

4. O paradoxo da “mão invisível”

Devemos afirmar alto e bom som que é altura de reformar o pensamento do social! Não existe uma consciência colectiva como não existe um mercado independente dos indivíduos!

Essa Mão Invisível (oculta?) que regeu o Mercado nos últimos 20 anos, só foi “oculta” enquanto funcionou a favor de uns e arrastou milhares de outros para a miséria. No primeiro dia em que o Mercado deixou de funcionar (estranho, já que as suas leis são científicas e portanto supostamente verdadeiras), soubemos os nomes das mãos invisíveis e quanto ganharam para arrasar a economia mundial. De repente apareceram gestores, corretores, reguladores, intermediários, especuladores, investidores... todos atolados no mercado, com acção pessoais e concretas, que explicam todas e cada uma, o funcionamento que parecia automático e eficaz, das finanças mundiais. De repente, o ignoto povo acorda e descobre que entre si há gente que não dormiu e é responsável pelas suas dificuldades económicas. Greenspan, de resto confirma esta ideia de que a mão que rege a economia mundial é Invisível porque desconhecida: “Um conjunto de forças globais tem vindo de forma gradual, por vezes quase clandestina, a alterar o mundo tal como o conhecemos.” (2007, 26).

Porque é que a mão mercantil/financeira é invisível? Provavelmente, porque para se compensar e ao mesmo tempo ainda para fazer negócio, se senta a jantar no *Crillon*, que é espaço totalmente desconhecido do homem comum. Que é hotel onde se esbanjam os milhares de dólares arrancados às poupanças de quem confia nos sistemas periciais, e que passa totalmente despercebido ao turista frenético por fotografar o obelisco da Concórdia (mesmo ali de frente), em Paris – metáfora do Mercado que todos aceitaram displicentemente?

Em Fevereiro de 2007, *preguei aos peixes* o discurso da solidariedade necessária e de como “*parece lícito concluir que o livre arbítrio é praticamente o único determinismo biológico do ser humano. A sua existência é a garantia de que o homem*

*não está deterministicamente preso a qualquer acção homeostática particular, mas, ao contrário, que pode e deve escolher entre um leque possível de opções de acção...A neurologia parece ter demonstrado que as escolhas altruístas são preferíveis para os indivíduos, embora eles possam não o perceber imediata e directamente.*⁴ (Paiva, 2007).

E acrescentava que *“a procura da escolha mais certa do ponto de vista homeostático, a partir de certo nível, coincide com a procura racional do bem que, muitas vezes, pode não ser imediatamente visível. É preciso querer o bem e acreditar no bem, aceitar adiar a recompensa para conseguir o mais alto nível de perfeição homeostática, e, para isso, os sentimentos desempenham um papel fundamental.”*⁵

Concluindo *“as acções mais úteis à vida podem não ser imediatamente visíveis, podem não ser as que dão prazer imediato, mas são sempre as que mais contribuem para manter a vida, e uma vida de qualidade. Contam-se entre estas as acções culturais – dispositivos homeostáticos não automáticos que permitem regular os modos de vida da forma mais útil a um maior número possível de indivíduos – as instituições.”*⁶

Além disto, as opções selectivamente mais úteis podem ser confundidas por esquemas que pervertem a percepção e a avaliação dos sujeitos, tais como o consumo de drogas ou outros mecanismos de ordem físico-natural ou sociocultural. Damásio afirma que *“os objectivos e os meios dos dispositivos automáticos estão bem estabelecidos e são extremamente eficazes. Contudo quando nos viramos para os dispositivos não automáticos (culturais, políticos e institucionais), deparamo-nos com uma situação diferente...”*

Pode dizer-se, por exemplo, que os objectivos do marxismo eram laudáveis sob vários pontos de vista, e, no entanto, os meios utilizados pelas sociedades que utilizaram o marxismo tiveram resultados desastrosos, talvez porque, entre outras razões, esses meios se colocaram em confrontação permanente com mecanismos bem estabelecidos da regulação automática da vida. Aquilo que se considerava desejável para uma larga colectividade requeria a dor e o sofrimento de numerosos indivíduos. O resultado tem sido uma tragédia humana cujos custos são altíssimos” (DAMÁSIO, 2003, 193).

⁴ “A essência do comportamento ético não parece ter começado com os seres humanos (...) é evidente, contudo, que o comportamento ético humano tem um grau de elaboração e de complexidade que o torna distintamente humano e não apenas uma cópia daquilo que as outras espécies têm ao seu dispor... A construção a que chamamos ética deve ter começado como parte de um programa geral de regulação biológica” (DAMÁSIO, 2003, 185, 186 e 187).

⁵ “Na ausência de emoções e sentimentos normais, o indivíduo deixa de poder categorizar a sua experiência de acordo com a marca emocional que confere a cada experiência a qualidade do “bem” ou do “mal”. Em tais circunstâncias, a descoberta e a elaboração das noções de bem e mal seria mais difícil, e a construção cultural daquilo que deve ser considerado bom ou mau seria mais difícil” (DAMÁSIO, 2003, 183).

⁶ “Parece-me razoável pensar que os seres humanos equipados com este repertório de emoções e cujos traços de personalidade incluíram estratégias de cooperatividade teriam sobrevivido mais facilmente e deixado, por isso, mais descendentes. Essa seria a maneira mais simples de estabelecer uma base genómica para o aparecimento de cérebros capazes de comportamento cooperativo” (DAMÁSIO, 2003, 187).

Aquilo que se passou com as finanças internacionais não é semelhante ao que se passou com o Marxismo? Não estamos em presença de uma prova irrefutável de que a Mão Invisível, mesmo que tenha boas intenções, pode ser desastrosa? A Mão Invisível não transforma comportamentos oportunistas em resultados altruístas! Não! Mais que isso, verificamos que, de facto, não existe uma Mão Invisível, mas muitas mãos “ocultas” que agem gananciosamente, contra a própria lei da solidariedade humana ou necessidade material da ética, inscrita na matéria humana e que se depreende dos estudos de António Damásio?

Não vem esta crise corroborar a nossa afirmação de que é urgente que a sociologia encontre fórmulas de evitar o caos social e a dominância das atitudes egoístas que, baseadas em intuições erradas, conduzem a uma desordem social que prejudica o Homem no seu todo, mesmo quando aparentemente pode servir uma parte da humanidade. A análise das conclusões da neurologia contemporânea deve levar-nos a esperar que uma gestão lógica e científica das pulsões humanas deverá conduzir a um incremento de bem-estar para a humanidade – só assim a sociologia poderá afirmar a sua utilidade social.

Atente-se no que testemunhou Greenspan a propósito da acção e das responsabilidades políticas nesta matéria: *“Gozei do especial privilégio de ter conhecido todos os políticos da última geração que traçaram o rumo da economia e de ter tido acesso irrestrito aos dados de análise das tendências mundiais...”* (2007,31).

Porque é que os políticos facilitam a vida aos “especuladores”? Facilitam em nome de um credo que todos têm receio de apostatar porque julgam que a alternativa ao mercado e à livre concorrência é apenas a economia dirigista de Estado desastrosamente e criminosamente ensaiada pelos países outrora comunistas.

Mas devemos acreditar que não é assim! Que há outras alternativas e que à Nova Sociologia cabe procurá-las, sabendo e postulando *o determinismo da liberdade humana, e a necessidade material da ética!* Buscando o realismo e não o reducionismo subjectivo do racionalismo imperante.

Procurar olhar para o real com o fim honesto de o conhecer de forma verdadeira é muito difícil porque requer uma profunda humildade que consiste na disposição para aceitar a verdade contida no real. E a verdade interessa a todos mas não temos consciência disso e, portanto, parece que não.

A verdade do real é que a solidariedade é necessária. É que o homem só será feliz em comunidade (tenha ela as características que tiver) e que todos os actos egoístas são actos contra a comunidade e portanto, no chavão politicamente correcto actual, são “crimes contra a humanidade”. Crimes ocultos, não evidenciados, pelos conceitos científicos que os suportam. Mas são crimes! E se esses conceitos são científicos, então temos de falar de uma ciência criminosa. Não se trata de verberar contra o conhecimento científico, mas de um certo tipo de ciência que devemos julgar pelos seus frutos.

Ao nível das ciências exactas não hesitamos em julgar e condenar o engenheiro responsável pela queda de uma ponte cujos cálculos estavam errados,

ou seja, não correspondiam à verdade da realidade. Mas aceitamos passivamente os desvios conceptuais dos cientistas sociais esse crime não é imediatamente revelador do erro conceptual que o suporta e os seus frutos diluem-se na pluralidade de factores que explicam os fenómenos sociais. Porém o crime é! O crime de pretensamente formular ciência com base na qual se dirige a vida dos homens, com consequências tão gravosas como a crise financeira e económica do presente momento. É o crime tem autores materiais concretos mas tem, autores morais que são um conjunto muito mais vasto de pessoas. São os pensadores e filósofos do racionalismo abstracto que dominou toda a revolução científica dos últimos séculos. Que se afastaram a passos largos da realidade pois usaram a Razão para evidenciar do real, as parcelas que a sua vontade quis descortinar. Que lhes foram úteis, oportunistamente úteis. Os aprendizes de feiticeiros que em nome da verdade, reduziram o conhecimento a factores operatórios capazes de manipular o real a favor de uns e ignorando, ou à custa de outros – magia ou ciência? Os que não perceberam ou não quiseram perceber a necessidade da ética e da solidariedade. A verdade da interdependência do género humano. Os que reduziram o todo do real, aos conceitos restritivos do útil para alguns. Os que deformaram o real com as suas teorias e os seus erros e tomaram pelo todo a pequena parte que a sua especialidade científica lhes permitiu evidenciar.

Muito continuaremos a errar se não aplicarmos o que conhecemos acerca da natureza humana aos fenómenos que o homem produz. Não há essências sociais determinísticas e coercivas independentes da vontade humana conjugada. O mundo que temos é o que produzimos no quadro da contingência natural do Homem e do mundo. Por isso a ciência económica nos conduziu à crise magistral do capitalismo.

O que parece ser uma força misteriosa, a que Durkheim chamou social, não passa da acção conjugada de acções individuais que estão directamente ligadas à natureza mais ou menos consciencializada dos sujeitos sociais. Temos de conhecer a natureza humana e temos de agir sobre ela tendo-a em conta, se quisermos encontrar o equilíbrio social, a harmonia e a sobrevida com bem-estar para a maioria dos homens. Basta de chamar Mercado, Mão invisível ou qualquer outra coisa à acção clandestina, egoísta e contra a natureza humana de algumas aves de rapina disfarçadas de senhores.

Deixemos cair as máscaras em nome da dignidade humana.

5. Para uma nova sociologia

É imperativo refundar o pensamento do social. Mas é imperativo, antes disso, reformar a epistemologia das ciências sociais. É imperativo definir os novos eixos, ontológico, epistemológico e metodológico que devem presidir à construção do novo paradigma. Esse trabalho tem de ser um trabalho crítico e de ruptura/diálogo com o passado. É preciso olhar para a história do pensamento

européu sem paixão e sem projecto que não seja o de deixar-se impressionar pelos dados do real. Olhar o real sem o racionalismo lógico de Descartes porque por essa via, já sabemos que chegamos a este ponto em que nos encontramos. O racionalismo foi uma escolha errada pois, a emoção liga-se profundamente à razão no acto de conhecimento.

A emoção é a expressividade viva da matéria. Ou seja, a realidade fala de si, de forma concreta através da emoção humana, que automaticamente se converte em sentimento e pensamento ao actualizar-se em cada ser humano. Só os seres vivos e pensantes (Homem) podem conhecer, pelo simples facto de que é a matéria que se conhece a si própria na forma complexa de ser matéria humana. Se o homem não fosse matéria não poderia, talvez, sentir da forma que sente, pensar da forma que pensa e, portanto conhecer como conhece. O homem conhece, afinal, não por ser uma matéria qualquer, mas porque é uma matéria consciente.

A verdade revela-se na nossa realidade porque a matéria de que somos feitos é pensante. A verdade desvela-se sendo verdade na realidade que tem a potencialidade, a virtude de se conhecer. Aqui, definitivamente rompe-se o conceito kantiano de conhecimento enquanto relação que se estabelece entre um sujeito e um objecto. Nesta relação não temos um objecto e um sujeito, mas um sujeito que se conhece a si próprio porque é matéria cognoscente (não enquanto sujeito cognoscente, mas enquanto matéria cognoscente).

Somos seres que sentem e pensam. Não apenas que pensam. Os sentidos são fundamentais na nossa maneira de conhecer, melhor, nas nossas possibilidades de conhecer. Não poderemos continuar a olhar para o real e concebe-lo de forma *autista*, segundo a suposta lógica pura da nossa razão. Em rigor a razão abstracta não existe no real. É uma construção fantasiosa do pensamento ocidental. Toda a razão é também emoção porque é a emoção que a suporta e a produz (Damásio, Op. Cit.). Esta afirmação deve também ser profundamente distinguida da afirmação vitalista, historicista e pessimista da filosofia anti-idealista e anti-hegeliana que desemboca em Nietzsche. Não se trata de explicar a história por si como uma corrente vital que avança sem destino, ao sabor dos impulsos da vida e sem sentido último como pretendeu Dilthey, que contra Hegel e Comte postulou que a História é apenas a vida e o fluir constante de cada homem individual. Algo “inapreensível pela razão humana e não codificável em qualquer sistema significativo” (Valverde, *ibidem*, 300). Nada disso, pois esse seria o caminho mais curto para desembocar, de novo no relativismo vazio e pessimista do pós-modernismo.

O objectivo da nossa proposta é encontrar um equilíbrio entre as possibilidades limitadas de conhecer através da razão, tendo presente que a razão é a razão dos seres humanos vivos, ou seja, a razão contingente de corpos físico/químicos que contêm em si informação material necessária para a sua forma/possibilidade de conhecer. Ou seja, conheço porque a matéria de que sou feito tem a particularidade de gerar pensamento abstracto, e não porque

seja uma ideia pura ou um espírito puramente racional que deva afastar de si a contaminação da emoção.

Conheço porque a emoção me conduz ao mundo da consciência e aí é possível a abstracção, não absoluta, mas objetivante do pensamento. Conheço o mundo real através do facto de eu ser real e existir na matéria (o que existe na minha matéria não é objecto de consenso. Alguns afirmam que essa matéria contém em si a alma, outros descrevem dessa possibilidade).

Ao conhecer através das capacidades que me são facultadas pelo facto de ser matéria, vivo a minha materialidade que se revela como uma materialidade cognoscente (com capacidade de conhecer), ou seja, de se relacionar com o restante real transformando-se através dessa relação - neste sentido todo o conhecimento verdadeiro é um progresso, uma transformação, uma síntese (não no sentido dialéctico de Hegel, porém uma verdadeira síntese ou transformação operada). Portanto, a possibilidade concreta de conhecer, no ser humano, dá-se pela contingência de este ser também matéria e de ter consciência do seu ser material.

A ruptura epistemológica que daqui decorre é que a matéria pode conhecer a matéria. É que a matéria fala em si própria e de si própria através da plasticidade do pensamento humano como resultado do "sentimento de si". Isto é o realismo e não um novo materialismo, pois a matéria cognoscente não é só matéria. Isto é também a descoberta de que o conhecimento humano só faz sentido e só é verdadeiro se for um conhecimento, primeiro, de si.

O homem deve conhecer em si, e a si, antes de partir para a construção abstracta de conceitos supostamente representantes da realidade. No limite diríamos que só poderemos atingir a verdade, quando a realidade se conhece a si própria. Ora a realidade, conhece-se a si própria, de forma privilegiada mas limitada e contingente na realidade humana (complexo físico/químico e espiritual parcialmente auto-consciente).

O conhecimento verdadeiro da realidade humana, não existe, portanto, fora da realidade do homem, fora da ontologia humana: somos razão e emoção, ou razão com emoção, ou emoção com razão. Mas jamais apenas uma das coisas. Aqui reside todo o mistério humano que apenas podemos intuir.

Portanto a verdade, é uma conformidade ao real, e revela-se parcialmente através da consciência material do real que emerge nos seres humanos. Não é o homem que conhece mas a matéria que se conhece a si quando é matéria humana. Assim, podemos afirmar que há uma unidade fundamental entre conhecer e ser, no género humano, pelo menos em termos parciais. Aqui residem as nossas possibilidades de conhecimento, aqui se deve fundamentar a epistemologia das novas ciências sociais.

Ora, que nos ensina a nossa experiência colectiva de racionalistas ocidentais? Essencialmente ensina-nos que a verdade mutilada pelo racionalismo (que não tem em conta a totalidade do real humano, que o mesmo é dizer, a verdade humana) tem conduzido a humanidade por sendas infelizes e dores, de que são

flagrante exemplo as guerras mundiais ou as crises económicas de 1929 e 2008. Portanto, que nos ensina a história das nossas ideias? Que devemos mudá-las e conduzi-las por novo e diferente percurso.

A Nova Sociologia é um ensaio destinado a mudar os rumos do pensamento do social. Limitado, contingente, sujeito a erro. Mas pretende-se que cometa novos erros e não os erros que outros cometeram no passado. A Nova sociologia é uma forma de pensamento crítico mas otimista, de que é possível conhecer, porque somos matéria pensante. Porque existimos na matéria e a matéria conhece-se a si, ou revela a sua verdade, na sua variedade de matéria viva humana.

Referências Bibliográficas

- STIGLITZ, J. (2002). *La Grande Désillusion*. Paris, Fayard.
- GREENSPAN, A. (2007). *A Era da Turbulência Contribuições Para Um Mundo Em Mudança*. Lisboa, Editorial Presença.
- ROSE - ACKERMAN, S. (2002). *Corrupção e Governo*. Lisboa, Prefácio.
- VALVERDE, C. (2003). *Genesis, Estructura y Crisis de la Modernidad*. Madrid, BAC.
- CARVALHO, J. (2013). *A Economia Sem Economistas o Lado Claro de Todas as Coisas*. Lisboa, Edições Sílabo.
- PASTRÉ e SYLVESTRE, J. (2008). *Le Roman Vrai de la Crise Financière*. Paris, Editions Perrin.
- DENZIN, N. e LINCOLN, Y. (1994). *Handbook of Qualitative Research*. London, SAGE Publications.
- DAMÁSIO, A. (1995). *O Erro de Descartes*. Mem-Martins, Publicações Europa América.
- DAMÁSIO, A. (2000). *O Sentimento de Si*. Mem-Martins, Publicações Europa América.
- DAMÁSIO, A. (2003). *Ao Encontro de Espinosa*. Mem-Martins, Publicações Europa América.